

Francis Fukuyama* recorda Marty Lipset

Lembro-me que Marty começava cada aula dizendo que “uma pessoa que só conheça um país, não conhece nenhum país”.

Conheci o Marty já no fim da sua vida. Teve um papel importante ao trazer-me para a minha primeira posição académica na Universidade de George Mason em 1996, onde ele próprio se encontrava após uma longa carreira em Harvard, Berkeley, Stanford, entre outras. Passei cinco magníficos anos como seu colega na George Mason, onde fomos inicialmente vizinhos de gabinete na ala que primeiro albergou o Institute of Public Policy. Marty e eu ensinávamos juntos a disciplina “Cultura e Políticas Públicas”, e foi uma das experiências mais pedagógicas que alguma vez tive.

Marty começava cada aula dizendo que “uma pessoa que só conheça um país, não conhece nenhum país,” porque é a olhar para diferentes sociedades que se pode compreender o que é típico ou único sobre a sua própria. Isto é particularmente verdadeiro para os Americanos, pois os Estados Unidos eram muito diferentes quando comparados com quase todas as outras democracias desenvolvidas. O estado-providência americano começou mais tarde do que nas outras democracias europeias, sempre foi mais pequeno, e foi o primeiro a ser alvo da retracção conservadora durante os anos Thatcher-Reagan. Os Estados Unidos tinham uma cultura política distinta que combinava o anti-estatismo com a crença de que as pessoas eram responsáveis pelos seus resultados como indivíduos. O anti-estatismo era o produto do nascimento da América numa revolução contra o poder monárquico britânico. O individualismo vinha do facto dos EUA, como terra de “nova colonização” não ter herdado as distinções e hierarquias de sociedades mais antigas da Europa e da Ásia. Para as ondas sucessivas de imigrantes que se estabeleceram nos EUA, o estatuto e a riqueza eram conseguidos e não herdados, o que constituía o fundamento social para a crença ideológica no individualismo liberal Lockeano.

Esta linha de pensamento remonta aos interesses de Marty no socialismo. Começou, tal como muitos dos seus contemporâneos que se tornaram conhecidos como neoconservadores, na extrema esquerda da política Americana, e mais tarde foram para a direita. Um dos seus primeiros interesses foi saber porquê, em contraste com quase todas as democracias europeias, não houve socialismo nos Estados Unidos. Uma razão importante, argumentava, era a sociedade americana não ter a estrutura de classes dos países europeus, e a mobilidade social através do sucesso individual ser muito mais fácil. Nos Estados Unidos, há uma distinção

entre os *deserving poor* e os *undeserving poor*, uma distinção que confunde a maioria dos Europeus que vêm de sociedades muito mais rígidas. Nestas sociedades os indivíduos têm muito menos poder para alterar o seu estatuto social; e o poder do Estado é chamado a igualar os resultados sociais. Apenas no que diz respeito aos Afro-Americanos, Marty argumentou, a sociedade americana era historicamente parecida com a europeia, o que explicava porquê os negros americanos tendiam a comportar-se como as classes trabalhadoras brancas europeias, que votam em políticas socialistas de redistribuição geridas por um Estado forte.

Marty Lipset levava o conceito de cultura política muito a sério, outro termo que perdeu terreno nas ciências sociais dominadas pelos economistas. Marty dizia frequentemente que em termos de instituições formais, muito países da América Latina tinham criado sistemas políticos muito parecidos com o dos Estados Unidos (e em alguns casos modelados deliberadamente da Constituição norte americana). Mas apenas se podem explicar as diferenças na qualidade da democracia na América do Norte e do Sul com base na cultura política das diferentes regiões. Mas Marty não era um culturalista, tal como Sam Huntington; ele levava a religião muito a sério, mas não era a variável explanatória principal como para o Sam.

Este assunto surgiu numa das minhas aulas preferidas, sobre o presidencialismo, em que Marty assumia a liderança. Marty dizia sempre que os dois maiores Presidentes americanos do século XX foram Franklin Roosevelt e Ronald Reagan, apesar de estarem em campos ideológicos diferentes. Foram grandes presidentes porque compreenderam que o verdadeiro poder e função da presidência americana não estava na formulação de políticas correctas ou tecnicamente sofisticadas, mas antes na formulação e comunicação de ideias políticas mais amplas, que reflectiam e moldavam as crenças do povo americano. Ambos presidentes deixaram a tradução destas ideias gerais aos seus subordinados, eram visionários e comunicadores que conseguiam reunir consenso à volta de grandes e importantes ideias. Não se conseguia compreender a verdadeira função de presidente lendo simplesmente a Constituição ou enumerando os seus poderes formais.

Isto é uma pequena parte do que aprendi com Marty no curto período de tempo que trabalhei com ele. Perdemos um dos grandes intelectuais do nosso tempo, e é difícil ver quem nas gerações futuras conseguirá calçar as suas botas.